

FORMAR LÍDERES



Portugal 2011=Argentina 2000

ADRIÁN CALDART

Professor da AESE – Escola de Direcção e Negócios

Na minha qualidade de argentino (nacionalidade caracterizada malevolamente como “italianos do Sul que falam castelhano e pensam ser ingleses”) é inevitável que muita gente me pergunte quais as semelhanças e as diferenças entre a situação económica actual que vive Portugal e a crise que o meu país viveu entre 2000 e 2002. “Haverá hipótese de virmos a acabar como vocês?” é o receio generalizado.

Na sua essência, as duas crises tiveram, na minha opinião, causas semelhantes: um sector público sobredimensionado e insolvente, uma elite empresarial com escassa vocação internacional e uma taxa de câmbio fixo, sobrevalorizada e “intocável” (na Argentina, a paridade peso/dólar e em Portugal a “paridade” escudo/euro).

A Argentina estava nessa altura “intervencionada” pelo FMI, o qual impôs ao país repetidos e crescentes ajustamentos fiscais. Em finais de 2001, o FMI deixou de confiar no plano económico argentino e interrompeu a sua ajuda ao país, o que levou a Argentina a um ‘default’ da sua dívida pública. O ‘default’ “desordenado” causou a demissão imediata do governo no final de 2001, uma queda do PIB de 12% (2002), uma desvalorização do peso de 70% e a insolvência do sistema bancário. No entanto, a forte depreciação da moeda permitiu que já no final de 2002 o país tenha reagido fortemente nas suas exportações primárias e industriais ao abrigo da súbita mudança das regras do jogo. Contribuiu fortemente e fortuitamente para essa recuperação a importante apreciação no preço das matérias-primas agrícolas que a Argentina exporta, nomeadamente a soja. Isto permitiu ao país conhecer um forte crescimento, da ordem dos 7,5-9% ao ano desde 2003 até 2010 (com a notória excepção de 2009 pelo impacto da crise global). A dívida pública não paga foi renegociada com fortes remissões.

E Portugal? Portugal é hoje a Argentina do ano 2000: recessão, FMI, empresas sem financiamento e uma população desencantada. O acordo com a “troika” faz prever que Portugal não cairá no curto prazo numa crise descontrolada como a que a Argentina sofreu em 2001-2002, o que é uma grande notícia. A questão é como aproveitar este valiosíssimo tempo “emprestado” para sair do actual labirinto. A saída argentina foi conseguida graças à soja, à desvalorização da moeda e à forte remissão de dívida. Quais serão os ‘drivers’ da retoma portuguesa? O novo governo e as empresas portuguesas têm a palavra. Deles depende evitar que o cenário “Argentina 2000” venha a converter-se no da “Argentina 2001-2002”. ■

Portugal é hoje a Argentina do ano 2000: recessão, FMI, empresas sem financiamento e uma população desencantada.